



Nossa palestra é andando

Renata Moreira Marquez¹

Resumo

Em outubro de 2022, a UFMG concedeu o título de doutor a 15 dos mestres e mestradas dos saberes tradicionais de Minas Gerais e da Bahia publicamente reconhecidos por sua atuação como guardiões e transmissores de conhecimentos fundantes de suas comunidades. Na ocasião, este grupo viajou até a universidade para a cerimônia de outorga e para palestras, rodas de conversa e visitas a comunidades tradicionais da cidade. Em abril de 2023, os dois titulados doutores pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) – Babau (Rosivaldo Ferreira da Silva), cacique da Terra Tupinambá da Serra do Padeiro (BA), e Joelson Ferreira de Oliveira, liderança do Assentamento Terra Vista (BA) – voltaram à UFMG para participar do I Colóquio do NPGAU. Nesta visita planejamos, com eles, para outubro do mesmo ano, o deslocamento de professores e alunos da Formação Transversal em Saberes Tradicionais em direção aos seus territórios. Este artigo, cujo título é uma frase escutada de Cacique Babau, relata alguns episódios da viagem e reflete sobre a experiência do *encontro etnográfico* transformada a partir do *encontro de saberes*, tendo o *desaprendizado* como premissa. Não pretende organizar, de modo algum, uma síntese, nem propor uma análise ou categorias conclusivas, mas apenas exercitar um relato possível deste lugar de encontro com Joelson e Cacique Babau em suas comunidades.

Palavras-chave: Notório Saber, Encontro Etnográfico, Formação Transversal Em Saberes Tradicionais da UFMG, Assentamento Terra Vista, Terra Tupinambá da Serra do Padeiro

¹ Doutora, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A apresentação deste artigo teve o apoio financeiro do Departamento ACR da Escola de Arquitetura da UFMG.

O convite para o encontro

Em outubro de 2022, a UFMG concedeu o título de Doutor por Notório Saber² a 15 dos mestres e mestras dos saberes tradicionais de Minas Gerais e da Bahia publicamente reconhecidos por sua atuação como guardiões e transmissores de conhecimentos fundantes de suas comunidades. Na ocasião, este grupo viajou até a universidade para a cerimônia de outorga e para palestras, rodas de conversa e visitas a comunidades tradicionais da cidade. Em abril de 2023, os dois titulados doutores pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) – Babau (Rosivaldo Ferreira da Silva), cacique da terra tupinambá na Serra do Padeiro (BA), e Joelson Ferreira de Oliveira, liderança do Assentamento Terra Vista (BA) – voltaram à UFMG para participar do I Colóquio do NPGAU. Depois de sua fala no Colóquio, Babau nos provocou ao movimento inverso: “Chegou a hora de vocês irem me visitar!” Foi quando planejamos com eles, Babau e Joelson, para outubro do mesmo ano, o deslocamento de professores e alunos da Formação Transversal em Saberes Tradicionais³ em direção aos seus territórios. Seriam eles, agora, os nossos anfitriões, invertendo o fluxo que havíamos praticado até então, quando recebíamos mestres e mestras convidados por esta Formação Transversal para atuarem como professores e professoras nos cursos oferecidos dentro dos espaços da UFMG, inspirados na experiência do Encontro de Saberes iniciada na UnB.

Uma vez entre nós, eles se deparavam com espaços arquitetônicos inadequados, ferramentas e dispositivos de ensino inadequados, sistema institucional inadequado, interlocutores inadequados e uma cidade inadequada a suas práticas de vida e saberes. Este relato é sobre a inadequação inversa – mas desta vez desejada e tomada como lugar de *desaprendizado* – que vivenciamos recentemente em seus territórios.

² O Notório Saber foi regulamentado pela UFMG em maio de 2020 e distingue-se do título de Doutor Honoris Causa: as titulações por Notório Saber são concedidas a partir de um dossiê circunstanciado apresentado a uma comissão de avaliação aprovada no âmbito da Pró-reitoria de Pós-graduação e são equivalentes ao título acadêmico de Doutor; já os títulos de Honoris Causa são títulos de homenagem e distinção.

³ O programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais foi criado na UFMG em caráter experimental em 2014 e instituído formalmente em 2015. Esse programa encontra-se em diálogo e se inspira na proposta do Encontro de Saberes do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCTI) de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa da Universidade de Brasília (UnB). Ao conceder hospitalidade aos saberes das culturas afrodescendentes, indígenas e populares, o programa procura abrir a universidade a experiências de ensino e pesquisa pluriépistêmicas. É coordenado pelo professor César Guimarães e tem como Conselho Gestor Luciana Oliveira, André Brasil, Cida Moura, Janáina Barros e Renata Marquez.

Vocês da universidade, os alunos que acolhem os nossos alunos indígenas aqui e os professores têm sempre o apoio tupinambá. A casa tupinambá está aberta. [...] Toda vez que precisarem de nós para fazer uma palestra, estamos à disposição, mas aquilo que falamos, nós gostamos de mostrar. Por isso é sempre melhor as pessoas irem até a aldeia para vivenciar um pouco. Quando estamos na nossa aldeia, não costumamos ficar o pajé e o cacique ali prontos para falar; nós deixamos os visitantes andarem junto com as pessoas da comunidade, para que elas mesmas falem para eles. (Babau, 2023a, comunicação oral).

Contudo, o convite ao movimento para nos deslocarmos das “salas de conferência” em direção aos lugares onde “o pensamento é uma parte da vida”, como caracterizou o antropólogo Roy Wagner (Wagner, 2012: 98-99), é anterior ao Colóquio de abril de 2023. Em dois cursos oferecidos pela Formação Transversal em Saberes Tradicionais – Políticas da Terra⁴ em 2018 e Escolas da Terra⁵ em 2021 –, os territórios se faziam presentes na UFMG como lugares de saber e nos chamavam para a ressignificação do que entendíamos por *aprendizado*. No primeiro curso, escutamos Cacique Babau, junto de sua mãe Maria da Glória de Jesus e sua irmã Glicéria Tupinambá, contarem sobre a retomada da Serra do Padeiro. No segundo, de forma remota durante a pandemia de Covid-19, acompanhamos Joelson Ferreira de Oliveira conversar com outros convidados, integrantes da Teia dos Povos⁶, em quatro módulos: Escola do Arco, da Flecha e do Maracá; Escola dos Terreiros e dos Tambores; Escola das Águas e das Marés; e Escola dos Biomas Locais.

4

O curso Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra foi ministrado em 2018 na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG e teve a participação de Cacique Babau (Rosivaldo Ferreira da Silva), Maria da Glória de Jesus e Glicéria Tupinambá; Dona Teresa Amarília Flores; Dona Maria Luzia Sidônio, Joelson Ferreira de Oliveira e Makota Valdina Pinto e dos professores parceiros André Brasil, César Guimarães, Edgar Barbosa, Eduardo Rosse, Ruben Caixeta, Pedro Aspahan, Pedro Rocha, Renata Marquez, Wagner Leite Viana, Luciana Oliveira.

⁵ O curso Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Escolas da Terra (módulos Escola do Arco, da Flecha e do Maracá; Escola dos Terreiros e dos Tambores; Escola das Águas e das Marés; e Escola dos Biomas Locais) foi ministrado em 2021 na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. Com mediação de Joelson Ferreira de Oliveira, o curso teve a participação de Nadya Akawã, Isael Maxakali, Tata Sobodê, Tat’etu Jalabo, Elionice Sacramento, Carlinhos da Resex de Canavieiras, Rosineide Souza Ribeiro, Durval Libânio e dos professores parceiros André Brasil e César Guimarães.

⁶ “A Teia dos Povos é uma articulação de comunidades, territórios, povos e organizações políticas, rurais e urbanas. Extrativistas, ribeirinhos, povos originários, quilombolas, periféricos, sem terra, sem teto e pequenos agricultores se juntam, enquanto núcleos de base e elos, nessa composição com o objetivo de formular os caminhos da emancipação coletiva. Ou seja, construir solidariamente uma Aliança Preta, Indígena e Popular.” (Descrição disponível em teiadospovos.org).

Nestes dois chamados anteriores, começamos a construir os caminhos institucionais para o nosso deslocamento, que não foram curtos nem fáceis. Enquanto “a casa tupinambá está aberta” (Babau, 2023a, comunicação oral), a casa universitária estava cada vez mais distante da ideia de uma “casa”. Mesmo quando, na condição de anfitriões, recebemos os mestres e as mestras para dar aulas na universidade, nos deparamos com uma máquina inadequada que interdita e interrompe o tempo e o espaço da escola da vida. Como lembra a antropóloga Anna Tsing,

Os projetos de criação de mundo emergem de atividades práticas de construção de vidas; no processo, esses projetos alteram nosso planeta. Para vê-los, à sombra do *antropo-* do Antropoceno, devemos reorientar a nossa atenção. (Tsing, 2015:21-22).

Como reorientar a nossa atenção e planejar outras maneiras de aprender, compartilhar e transmitir conhecimentos ao lado daqueles que têm historicamente construído, sob inúmeras exclusões, violências e riscos, mundos emergentes na contramão capitalista? Como compor escolas territorializadas e territorializantes (participantes das lutas pela terra), simultaneamente *terrestres* e *celestes*, implicadas em projetos de cuidado coletivo com a Terra?

“Nossa palestra é andando”, responde Babau na conversa aberta ao final do Colóquio do NPGAU (Babau, 2023a. Comunicação oral). O convite havia sido feito e, a partir dele, vários movimentos epistêmicos, além dos movimentos logísticos e institucionais, seriam necessários para que a viagem se concretizasse. Seria necessário nos implicarmos no movimento contínuo, em recusa ao gesto colonial, da ressignificação da noção antropológica do *encontro etnográfico* (Krenak, 1999) a partir da experiência do *encontro de saberes* (Carvalho, 2018), tendo a ideia do *desaprendizado* como premissa das nossas andanças (Azoulay, 2019). Como pensar as nossas práticas científicas como “uma oportunidade de cuidar do mundo compartilhado, o que inclui questionar privilégios, abrir mão deles e os utilizar” (Azoulay, 2019: 157), como propõe a pensadora palestina Ariella Azoulay? Como reverter vantagem epistemológica em mediação (Marquez, 2020)?

Começamos pensando o encontro etnográfico. Se a antropologia, como foi definida por Tim Ingold, é “uma forma de viver a vida com os outros” (Ingold, 2020: 9), o

seu método, a etnografia, nos coloca questões epistêmicas e éticas muito claras, porque é baseado em relações nas quais há um jogo de poder envolvido, mas também um horizonte de criação, colaboração e coconstrução que nos permite imaginar futuros possíveis em vez de prováveis. Ailton Krenak explicou, décadas atrás, que “Existe um roteiro de um encontro que se dá sempre” (Krenak, 1999: 28), um encontro que sempre retorna, que não se resumiu à catástrofe de 1500 e que segue desafiando as narrativas históricas.

O encontro e o contato entre as nossas culturas e os nossos povos nem começou ainda e às vezes parece que já terminou. [...] Os nossos encontros ocorrem todos os dias e vão continuar acontecendo, tenho certeza, até o terceiro milênio, e quem sabe além desse horizonte. (Krenak, 1999:28).

O trânsito entre mundos requer atenção, cuidado, escuta e gestão ética e política. Ao escutar as palavras desde sempre ditas, e de muitas formas, por nossos anfitriões, seremos capazes de construir outras versões para o antigo roteiro do encontro entre os povos (Taylor, 2013)? Nossa viagem foi, assim, também uma prática de ativação do *encontro etnográfico* como construção pluriepistêmica e sua transformação em *encontro de saberes*.

Empregamos aqui *encontro de saberes* com letras minúsculas propondo a *derivação e expansão ambulante e cotidiana* da experiência do projeto Encontro de Saberes, iniciado em 2010 na UnB e desdobrado na Colômbia e em 9 universidades brasileiras, entre elas a UFMG. Seu idealizador, o antropólogo José Jorge de Carvalho, escreveu que “O Encontro de Saberes é o resultado de uma aliança entre contracolonizadores e descolonizadores” (Carvalho, 2018:91), com o intuito de “[...] intervir na constituição desse espaço universitário em todos os níveis: no corpo discente, no corpo docente, no formato institucional, no modo de convívio e na sua conformação epistêmica geral (cursos, disciplinas, ementas, teorias, pedagogias, etc.)” (Carvalho, 2018:81).

Empregando o *encontro de saberes* como horizonte cotidiano e ambulante, deslocamos o “espaço universitário” para além de seus limites, o “corpo docente” para além dos seus “efetivos” e a “família” para além da casa, incluindo no grupo viajante de alunos e professores da UFMG, duas mestras e um mestre das culturas tradicionais

atuantes da Formação Transversal em Saberes Tradicionais: Rainha Isabel Casimira Gasparino (Reinado Treze de Maio, Belo Horizonte), Mestre Silvio da Siqueira (Seu Badu, Quilombo do Mato do Tição, Jaboticatubas, acompanhado de sua filha Aparecida da Siqueira) e a Doutora Pedrina de Lourdes Santos (Capitã do Terno de Massambike de Nossa Senhora das Mercês, Oliveira), titulada em Comunicação Social por Notório Saber ainda em 2022. Filhos de alguns dos professores envolvidos, com idade entre 9 e 14 anos, e militantes de movimentos sociais de Belo Horizonte e Ouro Preto e da Teia dos Povos MG também integraram o grupo.

O curso Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Saberes e fazeres da terra⁷ propôs, assim, o deslocamento para o Assentamento Terra Vista e para a Retomada Tupinambá da Serra do Padeiro, ambos no sul da Bahia, respectivamente territórios onde atuam Joelson e Babau, apresentando a seguinte ementa:

“Nossa palestra é andando”, disse Cacique Babau, nos convidando a compor uma escola territorializada e aplicada ao caminhar e ao experimentar junto à terra. O curso propõe o deslocamento da viagem para caminhar e experimentar os saberes e fazeres da terra junto àqueles que os compartilham, especificamente os doutores por Notório Saber titulados na UFMG em 2022 Joelson Ferreira de Oliveira, Cacique Babau e Cacique Nailton Pataxó, que nos receberão em seus respectivos territórios: o Assentamento Terra Vista, a Terra Tupinambá Serra do Padeiro e a Terra Indígena Caramuru-Catarina Paraguaçu (Sul da Bahia).

Não foi possível, desta vez, o encontro com Cacique Nailton Pataxó na Terra Indígena Caramuru-Catarina Paraguaçu por questões logísticas, mas a rota está guardada para o nosso próximo deslocamento. A viagem realizada ao Assentamento Terra Vista e à Terra Tupinambá Serra do Padeiro aconteceu entre 04 e 13 de outubro de 2023, com a chegada ao Assentamento Terra Vista no dia 05, à Serra do Padeiro no dia 10 e a volta à Belo Horizonte no dia 13 de outubro. Somos infinitamente gratos e gratas pelo convite,

⁷ O curso Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Saberes e fazeres da terra foi ministrado em 2023 na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. Com coordenação de Joelson Ferreira de Oliveira (Terra Vista) e Cacique Babau (Serra do Padeiro), o curso teve a participação ativa da comunidade do Assentamento Terra Vista (dentre os envolvidos estavam Solange Brito, Deysiane Ferreira, Tarcísio Costa, Capixaba, Louro Camacã, Pedro Castro, Clare, Ângela Guerra e Isaac) e da Serra do Padeiro (dentre os envolvidos estavam Magnólia, Bruno, Robert, Beu, Seu Lírio, Maria da Glória, Baiaco e Orí) e dos professores parceiros Ana Paula Baltazar, Renata Marquez, Wellington Cançado, Luciana Oliveira, Ricardo Jamal, André Brasil e César Guimarães.

pela oportunidade, pela acolhida, pela riqueza compartilhada e pela potência vividos nesta viagem!

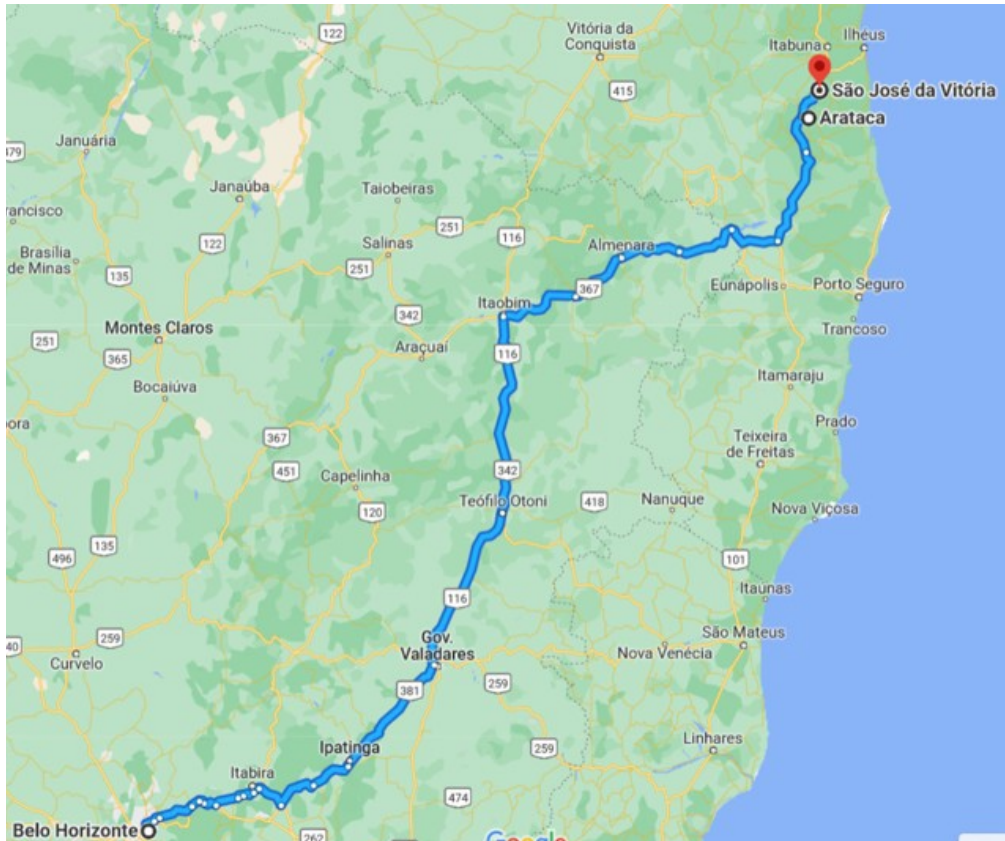


Figura 1: Mapa da viagem de Belo Horizonte ao Assentamento Terra Vista e à Serra do Padeiro (BA), cerca de 1000km de distância, embora, como escreveu Marilyn Strathern, “O tempo, mais que o espaço, se tornou o eixo principal de isolamento ou separação.” (Strathern, 2014: 345)

Fonte: Google Maps (2023)

Vimos da cidade, como desaprender?

O grupo de cerca de 65 pessoas que chegaria da cidade aos dois territórios nos preocupava quanto ao seu impacto. Eram cerca de 50 alunos provenientes dos cursos de Arquitetura, Belas Artes, Psicologia, Música, Teatro, Moda, Biologia, Geografia, História, Antropologia, Ciências Socioambientais, Ciências Sociais, Enfermagem e Comunicação Social, 8 professores, 3 mestres, 5 crianças e integrantes de movimentos sociais. O privilégio do convite já pautava a generosidade e o consentimento daquela pequena invasão. Mas, ainda assim, como se daria a rotina pedagógica? Como se daria a rotina de afazeres comunitários? Como se dariam as trocas e a dissolução desejada da própria ideia de grupo? Na Serra do Padeiro, logo na primeira conversa, Babau confrontou os modos de aprendizado acadêmico com os modos da aldeia:

Desde o início falei, quando me perguntaram se eu já havia organizado as aulas: O quê? Organização de aula? [risos] Nós tupinambá sabemos *fofocar*. Conversar muito entre nós. Falar muito entre nós. É isso o que sabemos; a fonte do conhecimento nosso é a oratória. Aula nós não sabemos de fato o que significa porque é uma coisa escrita, e nós temos a oratória. Então eu estou sentado e vocês iniciem para mim com as informações que queiram! (Babau, 2023b. Comunicação oral.)

Para viver o *encontro de saberes* como horizonte cotidiano e ambulante, é necessário o exercício contínuo de desaprender a “gramática imperial”, como proposto por Ariella Azoulay, confrontar “[...] um regime discursivo que permite que certas pessoas, com o direito de falar de si, falem dos outros em sua ausência e façam os outros parecerem ausentes quando estão, na verdade, presentes” (Azoulay, 2021: 48). Para ela,

Desaprender significa não se engajar com aqueles relegados ao “passado” como “fontes primárias”, mas sim como potenciais colegas. [...] Desaprender é retornar à recusa inicial à desapropriação e ao mundo de onde essa desapropriação emergiu [...]” (Azoulay, 2019:16-21)

Azoulay propõe desaprender em companhia de “potenciais colegas”, recusando a gramática histórica que inventa um passado que na verdade ainda não passou e que cria categorias e dispositivos legais que alimentam a separação e reduzem os mundos a um mundo só compulsório. Se “séculos de regras imperiais reduziram a existência dos povos ao ‘humano’, essa figura embaraçosamente minimalista” (Azoulay, 2019: 449), como

desaprender na companhia dos nossos anfitriões do Sul da Bahia? Uma ferramenta possível foi o “método analítico” do *não saber*, interessado no processo e não no resultado da “sabedoria”, assim enunciado pela antropóloga peruana Marisol de La Cadena:

[...] *não saber* não é equivalente a *não sei* se esta frase implica que acabarei por saber. Nesse caso *não sei* equivaleria a *não saber ainda*. ‘*Não saber*’ é um método analítico – uma forma de praticar a análise – e não o seu resultado. Com base em ‘não apenas’, significa que o que você sabe (ou pode eventualmente saber) pode ser excedido por aquilo que o que você sabe (ou pode eventualmente saber) não pode conter (ambos, como compreender e controlar).” (De la Cadena, 2021: 254)

Tal método analítico implica assumir que não se trata de “o mundo”, mas de muitos mundos – e divergentes. Como construir uma casa comum junto aos “incomuns que sustentam o comum” (Blaser; De la Cadena, 2021: 82)? De la Cadena sugere que é entendendo, sobretudo, que há sempre algo que excede e que escapa à nossa rede de palavras, categorias, explicações e controle.

Visita de beija flor ao Assentamento Terra Vista

É uma coisa muito antiga, mas dentro da universidade ela é muito nova. A busca pela questão dos saberes ancestrais, dos saberes tradicionais, vem com uma nova pegada. Não é ir lá buscar os conhecimentos tradicionais para entregar às grandes empresas para transformar em mercadoria. Aqui está fazendo o contrário: estão trazendo as pessoas dos saberes tradicionais para fazer um diálogo. [...] Por que isso? A gente entende que a universidade é muito mais nova do que os saberes ancestrais, que contribuíram para construir essa humanidade que somos hoje. A agricultura tem 10 mil anos e a universidade no Brasil não chega a 200 anos. [...] É sobre começarmos a entender essas importâncias. Eu falo aqui sempre: se os mineiros soubessem a idade dessas montanhas, tranquilamente a Vale não faria esse arraso que está fazendo. Se soubessem o tempo e os valores dessas montanhas, provavelmente não as trocaríamos por nada. Mas infelizmente ainda temos um conhecimento muito curto, uma sabedoria muito curta. Afirmamos aqui que é preciso aprofundar essas questões. (Ferreira de Oliveira, 2023a. Comunicação oral)

Escutamos Joelson no Colóquio em abril e chegamos a Arataca, onde está situado o Assentamento Terra Vista, no dia 05 de outubro. Para “aprofundar essas questões”, planejamos juntos a vivência de outros mundos possíveis, futuros fartos e vida coletiva

para além do capitalismo. Era apenas “uma visita de beija-flor”, disse Joelson quando chegamos, valorizando “as coisas simples que nascem do coração”, mas alertando sobre as consequências daquela experiência: o que iríamos fazer depois dali? Voltaríamos? Poderíamos trabalhar juntos por terra e território? O que levaríamos de lá poderia impactar as nossas práticas na “Babilônia”? Como poderíamos estender o nosso “conhecimento muito curto” para poder dialogar com os saberes ancestrais? (Ferreira de Oliveira, 2023b. Comunicação oral). Assim como Babau, Joelson também havia feito o convite para trabalharmos juntos no projeto de uma universidade pluriepistêmica.

Em várias ocasiões anteriores à nossa viagem, Joelson mencionava a Terra do Bem-Virá: uma proposta ainda um tanto enigmática para nós, mas que foi incluída na programação a ser feita no território: conversariamos sobre agrofloresta, fitoterápicos, cacau cabruca, maretórios e o Bem-Virá. “Fazer é diferente de construir”, explicou Joelson. Enquanto o “fazer” manifesta o “desejo do ego que sabe de tudo”, a construção é um processo coletivo, que envolve negociação e mantém o ego e a individualidade de lado. Se “não basta resistir, tem que construir” (Ferreira de Oliveira, 2023b. Comunicação oral), o contínuo fazer, sem nada construir, é o oposto da resistência pela vida – vida que não pertence a cada um de nós, mas que nos atravessa e que compartilhamos com os outros seres.

Conduzidos por Joelson e Clare, agricultora moradora do Assentamento, atravessamos a casa onde vive com Solange Brito e o resto da família e alcançamos o seu quintal. Continuamos caminhando e começamos a subir por uma trilha cheia de árvores, folhas secas e plantas jovens. Cruzamos a fronteira entre o público e o privado sem perceber os limites que frequentemente constituem esses dois domínios. Estávamos na Terra do Bem-Virá. O nome, ele nos explicou, é por causa do disco de 1973 de Geraldo Vandré, *Das terras de benvirá*. Trata-se de uma grande área do Assentamento que acolhe o projeto da *construção* de uma floresta para daqui a 3.000 anos, como explica Joelson: “Aqui nada foi feito pela mão de Joelson. Aqui é uma construção coletiva. E é também para acalmar o espírito das pessoas apressadas. [...] Aqui vai ser uma escola da prática.” (Ferreira de Oliveira, 2023b. Comunicação oral).

No topo do terreno, nos sentamos nos bancos de tábuas dispostos em círculo e contemplamos a Serra da Aliança e a Serra das Lontras, enquanto Capitã Pedrina, Rainha

Belinha e Seu Badu distribuíam ali a energia ancestral por meio de histórias, cantos e rezas. “Inteligência artificial é um retrovisor, uma volta para o passado. Agora, o que temos que fazer é colocar a mente para funcionar”, ensina (Ferreira de Oliveira, 2023b. Comunicação oral).



Figura 2: Caminhando com Joelson Ferreira de Oliveira no Assentamento Terra Vista (BA)
Fonte: Autora (2023)

Caminhando com o grupo às margens do rio Aliança, Joelson parava junto às árvores mais antigas e contava a história de cada uma, costurando a presença das árvores com a memória de luta do movimento de volta à terra. Joelson reverencia o Mogno do Senegal que foi plantado há 25 anos e, mais à frente, apresenta o Pau-ferro, com 20 anos de idade, o Putumuju, o Pau-brasil e o Angico Vermelho, com 15 anos. Propondo viver uma forma de ocupação diferente do “quadrado burro do Incra” (Ferreira de Oliveira, 2023b. Comunicação oral), o território foi ocupado no dia 8 de março de 1992 e conquistado oficialmente em 1994. O Terra Vista é hoje referência em recuperação e preservação ambiental, agroecologia e produção de mudas de espécies da Mata Atlântica. Contudo, o plantio sistemático de árvores começou apenas em 2007, como gesto de

reparação, como conta Joelson, à floresta que o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) havia destruído perto do Parque Nacional do Descobrimento.



Figura 3: Caminhando com Capixaba e Louro Camacã no Assentamento Terra Vista (BA)
Fonte: Autora (2023)

“A planta nossa [sem químico] é mais preguiçosa, mas tem vida mais longa”, alerta Capixaba, outro mestre caminhante. No Terra Vista há mais de 20 anos, Capixaba plantou muitas das árvores hoje já grandes e é responsável pela área de compostagem e pelas roças. Conduziu as conversas caminhantes acompanhado por outro mestre, Seu Louro Camacã, e também por Pedro Castro, agricultor morador do Assentamento que abandonou o curso de Geografia da Universidade de Viçosa: “Não vou ficar batendo cabeça aqui, vou bater canela nos territórios com os agricultores!” (Camacã; Capixaba; Castro, 2023. Comunicação oral).

Ocupando antigas terras cacaeiras decadentes por conta da praga conhecida como “vassoura de bruxa”, o Terra Vista tem hoje o cacau cabruca como grande frente de trabalho e pesquisa. O cacau é plantado na floresta – cabruca vem de *cabrocar*, raleiar a mata –, como explica outro mestre caminhante, o agrônomo Tarcísio Costa. Se o cacau corresponde apenas a 7% de participação na produção do chocolate, em vez de tradicional (e colonial) fornecedor de matéria prima, como produzir mais a partir do cacau? A Fábrica Escola do Chocolate Litoral Sul foi fundada em 2018.



Figura 4 Encontro com o cacau recém-nascido no Assentamento Terra Vista (BA)
Fonte: Autora (2023)

Entre uma caminhada e outra, uma cobra caninana atravessa a rua. Entre um mergulho e outro no rio, duas cobras também nadam por ali. Comentei com Raul, o neto de 9 anos de Joelson, sobre as cobras: “Tem mesmo, mas antes da gente chegar aqui, não tinha *nem* cobra!” Enquanto cruzávamos o núcleo do Assentamento, no entorno do Centro Integrado Florestan Fernandes, para embarcar no ônibus que nos levaria à Resex de Canavieiras, uma aula de matemática acontecia ao ar livre, sob as árvores, numa dispersão que não parecia incomodar ninguém.

Em um dos nossos dias no Terra Vista, Joelson, junto com as mestras, saiu para levar Seu Badu, aos 90 anos, para ver o mar pela primeira vez. Na Terra Tupinambá de Olivença, o ritual de apresentação foi acompanhado pela Cacica Fia Tupinambá. "Não seja identidade, seja entidade! Porque a identidade anda sozinha, anda desprotegida. Entidade só anda junto!", diz Joelson, e nos deixa pensando sobre o que *andar junto* pode significar...



Figura 5: Encontro de Seu Badu com o mar, na Terra Tupinambá de Olivença (BA)
Fonte: Luciana Oliveira (2023)

Com o povo celestial da Serra do Padeiro

Chegamos no dia 10 de outubro à aldeia tupinambá. Na manhã seguinte, Cacique Babau daria uma “aula” na sala aberta onde funcionava a antiga escola, antes do edifício atual ficar pronto. Nos reunimos num ambiente com quadro escolar e cheio de cadeiras enfileiradas, mas Babau logo inverteu o fluxo esperado das informações:

Eu queria saber de vocês o que vocês querem saber de tupinambá. E, a partir de algumas perguntas – e não importa, pode ser qualquer pergunta, porque aquilo que eu não souber eu digo “Isso aí eu não domino não!”, mas aqueles que eu dominar um pouco eu vou tentar falar – daí a gente fala. Porque se não, eu vou iniciar um tema que talvez não seja o tema que vai favorecer a diferentes mentes. Pode favorecer a uma, a duas, mas não a todas. Quando temos um grupo de pessoas, nós tupinambá costumamos organizar os conhecimentos individualizados para torná-los coletivos. Isso é fundamental, porque tem muito conhecimento aqui na minha frente. Muitas perguntas a serem feitas, muitas perguntas a serem respondidas, muitas indagações. Por isso eu queria começar querendo saber o que de fato vocês têm de curiosidade sobre a aldeia, sobre o país, sobre o mundo. Vocês escolhem e a partir daí traçamos um diálogo que talvez será mais enriquecedor do que uma pessoa soltando uma cachoeira de informações em cima de vocês. Isso é o que eu acho. (Babau, 2023b, Comunicação oral)

Estava definida a versão tupinambá do roteiro do *encontro*: “tem muito conhecimento aqui na minha frente” e, juntos, como *colegas*, ele traçaria “um diálogo

entre nós”, numa versão radicalmente oposta à versão colonizadora. Naquela manhã aconteceu, então, uma inesquecível *aula* de 3 horas e meia de duração, com riqueza de detalhes, sobre outra história do Brasil – a história da invasão do ponto de vista tupinambá, às margens do rio Mutari. Diante da primeira pergunta, Babau explica para nós, *karai*, a sua relação com o território: “Não somos da terra; fomos enviados para cá”.

Somos a única aldeia tupinambá que segue os padrões originários. Os demais estão fazendo eleição para escolher pessoas como se fossem partidos políticos e isso desvirtua a cultura. Depois de 80 anos que ficamos sem cacique – todos foram mortos pelo estado brasileiro –, mas o pajé, meu avô, ficou vivo e passou a ser o governante geral, sendo pajé e também cacique, fomos conhecer como funciona a morte e a organização para nós, quando o pajé faleceu. Porque nossa cultura não é da terra. [...] Os Encantados chegaram e disseram para a família que iam levá-lo, mas que não ficariam desamparados, ele teria um sucessor. Perto do seu falecimento, toda a aldeia ficou espiritualizada. No dia de sua recondução à casa dos Encantados, foi definido quem seria o pajé que traria o conhecimento dos Tupinambá. [...] Os Encantados também disseram: “Jamais um cacique é vocês que escolhem, somos nós que escolhemos. E o cacique vai ser você”. (Babau, 2023b, Comunicação oral).

Quando Babau anuncia “Não somos da terra”, o suposto contrário do que costumávamos escutar de outros mestres de saberes tradicionais como Antônio Bispo dos Santos, que publicou o belo ensaio “Somos da terra” (BISPO DOS SANTOS, 2018), é preciso não achatar os sentidos com as nossas categorias dicotômicas do tipo *ser ou não ser*. Exercitando o *não-saber*, *ser da terra* ou *não ser da terra* não implica contrários, mas um campo de equivocação na farta divergência entre mundos e o seu desdobramento, comum a ambas as sentenças, contra a ideia capitalista de propriedade fundiária: *somos da terra, somos do céu*, mas sobretudo “não somos fixados”:

Nós somos um povo de proteção. Não somos um povo da terra, somos um povo celestial. Por sermos celestiais, somos espíritos. Onde você fizer um canto que invoque qualquer entidade da nossa nação, ela virá até você. Se você fizer um canto para Tupinambá, para Eru, um canto para Beri, um canto para Gentio, um canto para Laje Grande, para Janaina, não importa quem seja, eles virão até você. Vão deixar você perceber que chegaram se verem que você merece. Se não merecer, eles deixam você chamar outro. Estão em qualquer parte do mundo. Nós não somos fixados. (Babau, 2023a, Comunicação oral)



Figura 6: Caminhando com Dona Maria da Glória, Baiaco e Cacique Babau na roça de cacau da Serra do Padeiro (BA)
Fonte: Autora (2023)

Caminhamos pelo território na companhia de Babau, seu pai o Pajé Seu Lírio, sua mãe Dona Maria da Glória, seu irmão Baiaco e Orí, seu sobrinho, filho de Glicéria Tupinambá. Glicéria estava ausente porque está cursando mestrado em Antropologia no Museu Nacional da UFRJ. Mas Orí me disse, no meio da mata: “Parece que minha mãe está aqui!” Olhei em volta. Era eu que *pensava saber* que Glicéria estava *fixada* no Museu Nacional!



Figura 7: Caminhando com Dona Maria da Glória, o pajé Seu Lírio e Orí na mata da Serra do Padeiro (BA)
Fonte: Autora (2023)

Durante a caminhada pela mata, Dona Maria da Glória nos diz: “Aqui tem muita cobra, tem escorpião, tem caranguejeira, tem onça. Mas a gente está aqui e não acontece nada porque nós protegemos a mata” (Jesus, 2023. Comunicação oral). Percebi depois, com as fotografias que fiz, que dentro da mata fechada quase não víamos o céu. Percebi também que a evocação dos Encantados os transportava para a terra. O céu estava ali *aterrado*, justamente quando não era possível abarcá-lo com os olhos...

“A sala de aula é a aldeia, o professor é a natureza e nós ficamos fofocando no meio dela!”, ri Babau do nosso *pensar saber* (Babau, 2023b, Comunicação oral). De fato, fofocar e conversar era o método tupinambá que podíamos verificar em todos os momentos do dia e da noite, na microescala cotidiana, quando Babau, desde cedinho de manhã, dedicava seu tempo a conversar com os estudantes, *seus colegas*, enquanto tomavam café ou almoçavam.

Fofocar é conversar, não é falar contra alguém. Para nós não é nada disso. Fuxicar, na língua tupinambá, é você sair de aldeia em aldeia contando o que foi falado. Nós fazemos reunião, discutimos, e, como as aldeias tupinambás são uma sequência muito longa e podemos demorar dias para ir a todas, então temos o fuxiqueiro, aquele que sai espalhando as palavras. É simples! Mas roubaram o nosso direito de ter o nosso idioma. (Babau, 2023a, Comunicação oral)

No meio da trilha, encontrei o cipó Escada de Macaco, que já conhecia pelas narrativas tikmun'un (maxakali) sobre as suas andanças entre céu e terra. Os Tikmun'un vivem hoje no Vale do Mucuri (MG) e estão dedicados ao reflorestamento de seu pequeno território, devastado pela herança da monocultura – inclusive já viajaram ao Assentamento Terra Vista algumas vezes para aprendizados e troca de mudas e sementes. Eles contam que este cipó se originou de um novelo do fio da embaúba preparado por uma mulher maxakali para que os homens pudessem passear e caçar na aldeia do céu. As mulheres prepararam bolsas de embaúba com mandioca para eles levarem na viagem, mas os homens comeram tudo e jogaram as bolsas fora, o que as deixou com tanta raiva que cortaram o cipó por onde subiram. Eles pularam de lá e, ao cair, se transformaram em bichos específicos, de acordo com a posição da queda. (Maxakali, 2020:116-117).

Um tempo ancestral se desenhou na minha frente e eu pude, por um segundo, espiar pelo buraco do céu tikmun'un, com a ajuda dos Tupinambá. Dona Maria da Glória me disse depois, já na aldeia: “Aquele cipó é planta de sorte.” Pensei na raiva das mulheres tikmun'un e na falta de cuidado dos homens caçadores. Lembrei-me da história que conta Ursula Le Guin sobre *contar histórias*. “As pessoas têm contado a história da vida há tempos, com todo tipo de palavras e de várias maneiras” (Le Guin, 2021: 21), isto é, *fofocando*, como os Tupinambá ou os Tikmun'un. Le Guin conta que foi um recipiente que garantiu a vida humana na terra, e não aquela história do herói caçador: “Uma folha uma cabaça uma concha uma rede uma mochila uma sacola uma cesta uma garrafa um pote uma caixa um frasco” (Le Guin, 2021: 19). Algo que preserva a vida e não deixa a comida escapar. Uma bolsa que jogaram fora. Uma nascente uma floresta uma roça uma aldeia uma comunidade uma escola.



Figura 8: Encontro com o cipó “Escada de Macaco” na mata da Serra do Padeiro (BA)
Fonte: Autora (2023)

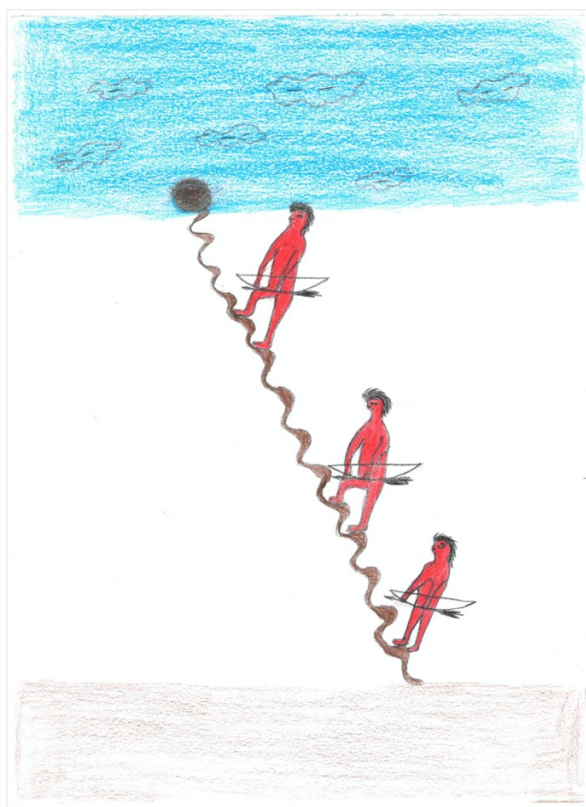


Figura 9: Desenho de Cassiano Maxakali, exposição Mundos Indígenas, Espaço do Conhecimento UFMG (2019-2023)

Fonte: MAXAKALI, Isael; MAXAKALI, Sueli (2019)

Territórios de saber, práticas de *não-saber*

“A cozinha de dona Maria é o lugar da antropologia!” conclui para nós Glicéria Tupinambá, em conversa por telefone com a autora um mês depois da nossa chegada da sua aldeia. Por conta de sua agenda atribulada, ela só conseguirá voltar para casa no meio de dezembro. As práticas de *não-saber* implicam questionar o nosso *pensar saber*, isto é, a nossa “habilidade de se sentir em casa num mundo onde a violência institucionalizada priva outros de suas casas.” (Azoulay, 2029: 295). Em *territórios de saber outros*, rebobinando a linha divisória entre “eles/elas” e “nós”, o encontro etnográfico se transforma em *encontro de saberes* e se baseia em práticas de desaprender a se sentir em casa, práticas de *não-saber*.

Os estudos do século XX, ao promoverem a presunção humana moderna, conspiraram contra a nossa capacidade de perceber os projetos divergentes, em camadas e conjuntos que constituem os mundos. Extasiados pela expansão de certos modos de vida em detrimento de outros, os estudiosos ignoraram questões sobre o que mais estava acontecendo. À medida que as histórias de progresso perdem força, porém, torna-se possível olhar de forma diferente. (Tsing, 2015: 22)

Se é possível “olhar de forma diferente”, como escreveu Tsing, precisamos ensaiar ferramentas para “perceber os projetos divergentes” e propor a divergência mesma como projeto epistêmico, o *não-saber* como projeto. Se fazer etnografia implica contar uma história (Wagner, 2012), como contar uma história diferente? Só é possível fazer isso em companhia daqueles e daquelas que *sabem de outra forma* e, em suas atividades práticas, promovem a vida. Atenção: *a antropologia está na cozinha!*

No curso Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Saberes e fazeres da terra, o deslocamento de alunos e alunas, professores professoras, mestres e mestras da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG ao *encontro de saberes* no Assentamento Terra Vista e na Serra do Padeiro, na Bahia, possibilitou exercitar práticas de *não-saber* e tocar, ainda que rapidamente, o grande desafio que é construir uma universidade

pluriepistêmica, na companhia dos dois doutores recém titulados por Notório Saber no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e suas comunidades.

No dia 13 de novembro, fizemos um encontro presencial para compartilhar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, nos quais cada um narrou sua experiência, implicando seus corpos neste *encontro de saberes*. A proposta sugerida pelos professores era que experimentassem múltiplas formas narrativas em diários de campo. Os resultados foram polifônicos e complementares entre si e integrarão um livro coletivo a ser disponibilizado no site saberestradicionais.org. Esperamos ter sido um exercício potente para desaprender a fazer mundo tal como ele está e vislumbrar futuros outros, onde todos os povos possam se sentir em casa.

Referências

AZOULAY, Ariella Aïsha. 2019. *Potential History: Unlearning Imperialism*. London/New York: Verso.

AZOULAY, Ariella Aïsha. 2021. “Arte que destrói o mundo comum”. *Revista PISEAGRAMA*, nº 15: p. 46-55.

BABAU (Rosivaldo Ferreira da Silva). 2023a. Comunicação oral (abril 2023). Belo Horizonte, Escola de Arquitetura, I Colóquio do NPGAU, UFMG.

BABAU (Rosivaldo Ferreira da Silva). 2023b. Comunicação oral (outubro 2023). São José da Vitória, Aldeia Serra do Padeiro (BA), Curso Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Saberes e fazeres da terra, Formação Transversal em Saberes Tradicionais, UFMG.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. 2018. “Somos da terra”. *Revista PISEAGRAMA*, nº 12: p. 44-51.

BLASER, Mario; DE LA CADENA, Marisol. 2021. “Os incomuns”. *Revista PISEAGRAMA*, nº 15: p. 74-83.

CAMACÃ, Louro (Lourival Mendes); CAPIXABA; CASTRO, Pedro. 2023. Comunicação oral (outubro 2023). Arataca, Assentamento Terra Vista (BA), Curso Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Saberes e fazeres da terra, Formação Transversal em Saberes Tradicionais, UFMG.

CARVALHO, José Jorge. 2018. “Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras”. In: BERNARDINO-

- COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- DE LA CADENA, Marisol. 2021. “Not knowing: In the Presence of...”. In: BALLESTERO, Andrea; WINTHEREIK, Brit Ross (Orgs.). *Experimenting with Ethnography: a Companion to Analysis*. Durham: Duke University Press.
- FERREIRA DE OLIVEIRA, Joelson. 2023a. Comunicação oral (abril 2023). Belo Horizonte, Escola de Arquitetura, I Colóquio do NPGAU, UFMG.
- FERREIRA DE OLIVEIRA, Joelson. 2023b. Comunicação oral (outubro 2023). Arataca, Assentamento Terra Vista (BA), Curso Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Saberes e fazeres da terra, Formação Transversal em Saberes Tradicionais, UFMG.
- INGOLD, Tim. 2020. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis: Vozes.
- JESUS, Maria da Glória. 2023. Comunicação oral (outubro 2023). São José da Vitória, Aldeia Serra do Padeiro (BA), Curso Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Saberes e fazeres da terra, Formação Transversal em Saberes Tradicionais, UFMG.
- KRENAK, Ailton. 1999. “O eterno retorno do encontro”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LE GUIN, Ursula K. 2021. *A teoria da bolsa de ficção*. São Paulo: n-1 Edições.
- MARQUEZ, Renata. 2020. “Quase-etnógrafa-etc.”. *Revista Mundaú*, n. 9: p. 209-233.
- MAXAKALI, Isael; MAXAKALI, Sueli. 2020. “Yây hã miy”. In: GOMES, Ana; LIMA, Deborah; OLIVEIRA, Mariana; MARQUEZ, Renata (Orgs.). *Mundos Indígenas*. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG.
- STRATHERN, Marilyn. 2014. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- TAYLOR, Diana. 2013. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- TSING, Anna Lowenhaupt. 2015. *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton: Princeton University Press.
- WAGNER, Roy. 2012. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.